

TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR MEIO DE PRÁTICAS TRADICIONAIS UTILIZADAS NO FAXINAL DOS KRUGER, BOA VENTURA DE SÃO ROQUE – PARANÁ

DOMESTIC ANIMALS TREATMENT BY TRADITIONAL PRACTICES USED IN FAXINAL DOS KRUGER, BOA VENTURA DO SÃO ROQUE –PARANÁ

TRATAMIENTO DE ANIMALES DOMÉSTICOS POR MEDIO DE PRÁCTICAS TRADICIONALES UTILIZADAS EN EL FAXINAL KRUGER, BOA VENTURA DE SÃO ROQUE – PARANÁ

Adriana Cristina Tussi¹

dritussi@hotmail.com

Jorge Luiz Fávaro²

jorgelfavaro@uol.com.br

Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes³

marquiana@gmail.com

RESUMO: Este artigo é resultado do estudo realizado com camponeses do Faxinal dos Kruger, no município de Boa Ventura de São Roque, PR, em relação ao tratamento tradicional de animais domésticos. O objetivo foi conhecer e registrar as práticas com o uso de plantas medicinais, benzimentos e simpatias. Optou-se pela metodologia qualitativa, por meio da técnica do grupo focal. Na pesquisa, identificou-se que muitos tratamentos tradicionais ainda são utilizados na comunidade; porém, em relação ao conjunto dos saberes tradicionais, muitos deles se perderam pela dificuldade em garantir a reprodução do conhecimento entre os mais jovens e pelo falecimento dos mais velhos. Nesse contexto, considerando o reconhecimento da importância da preservação desses saberes e conhecimentos e o papel que os mesmos desempenham como alternativa ao modo de se relacionar com a natureza, neste artigo também enfatiza-se a relação entre saberes tradicionais e agroecologia.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina Veterinária; Agroecologia; Plantas medicinais; Benzimentos; Simpatias.

ABSTRACT: This article is a result of the study realized with farmers of “Faxinal dos Kruger”, in the municipality of Boa Ventura de São Roque, PR, in relation to the traditional treatment of domestic animals. The objective was to know and register the practices with the use of medicinal plants, blessings and sympathies. The qualitative methodology was chose through the focal group technique. In the research, it was identified that many traditional treatments are still used in this community; but in relation to traditional knowledge, many of them have been lost as a result of the difficulty in assure the reproduction of knowledge among the youngest and because of the death of

¹ Mestranda em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO (PR).

² Professor orientador do Curso de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO (PR)

³ Professora do Curso de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO (PR).

the elders. In this context, considering the community's recognition of the importance of preserving this knowledge and the role they play as an alternative in the relation with the nature, this article also emphasizes the relation between traditional knowledge and agroecology.

KEYWORDS: Veterinary Medicine; Agroecology; Medicinal plants, Blessings; Sympathies.

RESUMEN: Este artículo es resultado del estudio realizado con campesinos del Faxinal de los Kruger, en el municipio de Boa Ventura de São Roque, PR, en relación al tratamiento tradicional de animales domésticos. Su objetivo fue conocer y registrar las prácticas con uso de plantas medicinales, bendiciones y simpatías. Se optó por la metodología cualitativa, por medio de la técnica del grupo focal. En la investigación, se identificó que muchos tratamientos tradicionales todavía se utilizan en esta comunidad; pero en relación al conjunto de los saberes tradicionales, muchos de ellos se perdieron por la dificultad de garantizar la reproducción del conocimiento entre los más jóvenes y debido al fallecimiento de los ancianos. En este contexto, considerando el reconocimiento de la comunidad en cuanto a la importancia de preservar esos saberes y conocimientos, y el papel que los mismos desempeñan como alternativa al modo de relacionarse con la naturaleza, en este artículo también se enfatiza la relación entre los saberes tradicionales y la agroecología.

PALABRAS CLAVE: Medicina Veterinaria; Agroecología; Plantas medicinales, Bendiciones; Simpatías.

INTRODUÇÃO

Tendo como pressuposto que os camponeses herdam saberes e conhecimentos dos seus ancestrais, assim como contribuem para a produção de novas formas de ser e fazer no campo, é fundamental a valorização do seu modo de vida, cultura e produção econômica e social. Na sociedade contemporânea predomina a tentativa de homogeneização e padronização do sistema de produção e cultura e, portanto, ao resistir a esse modelo, o camponês contrapõe a racionalidade instrumental do capital.

Os camponeses desenvolvem uma cultura de aprender com os ciclos de vida e da natureza por meio da observação e da troca de experiência coletiva. Estas experiências são compartilhadas de geração em geração. A preservação desses saberes, tradições e costumes permite que esse modo de vida não se perca completamente.

Contudo, é importante destacar que a preservação não impede que, a todo instante, o conhecimento seja recriado, inovado e inventado. O acúmulo de experiências e sabedorias individuais e comunitárias são formas de vida; o conhecimento, a compreensão e a representação de mundos de vida - novos e antigos - coexistem com o nascimento e a aprendizagem de novas culturas. Os saberes dos camponeses expressam uma forma de pensar e de estar no mundo (GONZÁLEZ, 2008).

Com relação à criação animal, que é o foco desse estudo, observa-se uma negação e um desconhecimento desses saberes por parte dos profissionais das Ciências Agrárias (agrônomos, veterinários, zootecnistas, etc.) em relação a esses conhecimentos. Isso ocorre

porque as universidades, sob a lógica do conhecimento técnico e científico, tendem a priorizar a ciência formal e a ignorar os saberes populares. Com isso, profissionais que atuam em comunidades tradicionais têm, via de regra, dificuldade em considerar o saber dos camponeses e estabelecer um diálogo que seja importante para ambos.

Caporal (2004) afirma que, em vez de formar profissionais que entendam as condições específicas e totalizadoras inerentes aos processos agrícolas, o ensino das universidades e escolas agrícolas adotou um modelo que privilegia a divisão disciplinar, a especialização e, por consequência, a difusão de receitas técnicas e pacotes tecnológicos.

Não podemos esquecer que a educação e a formação do profissional devem ser realizadas através de um processo de construção interdisciplinar, de modo a analisar os complexos socioambientais. Neste aspecto, a educação científica falha não tanto por ser disciplinar, mas por não instigar e orientar as capacidades cognitivas, inquisitivas e criativas do aluno, desvinculando os problemas do seu contexto sociocultural e ambiental (LEFF, 2004).

Neste artigo, buscando contribuir com essa discussão, apresenta-se o resultado de uma pesquisa realizada em 2016, na qual procurou-se identificar de que maneira os saberes tradicionais dos agricultores podem colaborar no estudo dos tratamentos para animais, bem como a importância da troca de conhecimentos e experiências entre a universidade e a comunidade. Para isso, apresenta-se o resultado de um estudo com camponeses do Faxinal dos Kruger, no município de Boa Ventura de São Roque, Paraná, em relação ao tratamento tradicional de animais domésticos.

Essa pesquisa, realizada junto à comunidade, pautou-se em alguns objetivos específicos, tais como: a) verificar quais as práticas tradicionais utilizadas pela comunidade para o tratamento de animais, a partir do uso de plantas medicinais, benzimentos e simpatias; b) conhecer e registrar as plantas medicinais, benzimentos e simpatias utilizadas em animais domésticos.

Na pesquisa, optou-se pela metodologia qualitativa (MINAYO, 2001), na qual valoriza-se o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

A coleta dos dados realizou-se por meio da técnica do grupo focal (MORGAN, 1997; KITZINGER, 2000; TRAD, 2009) derivada das entrevistas e da coleta de informações por meio das interações grupais. Ou seja, a partir de um grupo de camponeses da comunidade, obtiveram-se informações que proporcionaram a compreensão de percepções, crenças e atitudes sobre um tema. Os camponeses relataram o uso de plantas

medicinais, os benzimentos e as simpatias utilizadas por espécie animal, o que facilitou a descrição de cada tratamento, com destaque para as doenças.

O artigo está dividido em três partes: a primeira discute o conceito de conhecimento tradicional, com ênfase nas fitoterapias, benzimentos e simpatias; na segunda parte, são apresentados os pontos que marcam as características de um “faxinal”, com ênfase ao Faxinal dos Kruger, território do estudo das práticas dos tratamentos tradicionais nos animais domésticos; e na terceira e última parte, apontam-se os dados recolhidos na pesquisa sobre o uso de tratamentos tradicionais com base em plantas medicinais, benzimentos e simpatias.

CONHECIMENTO TRADICIONAL: FITOTERAPIAS, BENZIMENTOS E SIMPATIAS

O conhecimento tradicional pode ser compreendido como aquele que emerge do modo de vida de um grupo de pessoas cujos saberes são compartilhados. “Ele inclui um sistema de classificação, um conjunto de observações empíricas sobre o ambiente local e um sistema de auto-manejo que governa o uso dos recursos” (PNUMA, 2001, p.1).

Diegues (2004) afirma que o conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer – a respeito do mundo natural, sobrenatural – gerados no âmbito da sociedade, transmitidos, em geral, de geração em geração, podendo agrupar costumes, crenças, rituais, mitos e práticas.

Sallaberry (2006) aponta que o conhecimento tradicional é também empírico. Porém, para Saéz (1998), apesar dessa dimensão empírica, isso não quer dizer que para a aquisição deste haja uma espécie de “naturalidade” desse conhecimento, como se este fosse uma continuidade do homem primitivo com a natureza, ou como se fosse uma forma de engajamento prático instintivo e inconsciente. Ao contrário, as populações tradicionais não só vivem e convivem com o ambiente natural, como também pensam sobre ele e elaboram categorias próprias com as quais nomeiam, classificam, ordenam e experimentam a sua eficácia nos planos prático, simbólico e espiritual (DIEGUES, 2004; ARRUDA, 2001).

Esses saberes têm contribuído para que os camponeses solucionem seus problemas práticos, por exemplo, relativos ao cuidado com a produção e tratamento de animais. Porém, com o desenvolvimento da ciência esses saberes passaram a ser questionados, sob a justificativa de que são mitos, superstições e, sobretudo, expressões do atraso. Contudo, a partir de 1970, com o questionamento das consequências da racionalidade instrumental, a exemplo dos movimentos ecológicos, tem-se buscado a aproximação entre a ciência e o

saber popular, por meio, por exemplo, de pesquisas realizadas junto às comunidades tradicionais, que têm como objetivo promover o diálogo, trocar saberes e experiências.

A agroecologia está nesse contexto em busca de elementos e metodologias que venham a compreender o saber do camponês e, ao mesmo tempo, criar alternativas para um sistema de produção ecologicamente coerente. Para isso, valoriza os conhecimentos das populações tradicionais sobre os ciclos da natureza, da produção e até mesmo a forma de organização social e os rituais religiosos, ao compreender que esses compõem um sistema cultural integrado que garante o modo de vida, a reprodução social desses grupos e, por meio disso, os sistemas agroecológicos (SANTIAGO, 2008).

É neste sentido que se tem defendido que não se trata de valorizar um conhecimento em detrimento do outro, pois é necessário reconhecer o conhecimento científico, seus avanços e perspectivas, sem desconsiderar as contribuições do saber tradicional, sendo interessante o diálogo de saberes (LEFF, 2004). Sobre isso, Medeiros & Cabral (2001) apontam a importância do intercâmbio do saber popular e acadêmico-científico, intermediados pela dialogicidade crítica entre pesquisador e os detentores do conhecimento tradicional. Segundo Freire (1980), se trataria de uma forma de produção conjunta do conhecimento.

A medicina e o conhecimento tradicional vêm aliados, pois normalmente ambos são passados de geração em geração pelos camponeses, para o uso no tratamento de animais e pessoas. A medicina tradicional baseia-se, principalmente, no uso das plantas medicinais (fitoterapia), mas também pode integrar benzimentos e simpatias (BRUSCHETTA, 2015).

A utilização das plantas medicinais nasceu com a humanidade. É considerada uma das práticas mais remotas usadas pelo homem para cura, prevenção e tratamento de doenças, servindo como importante fonte de compostos biologicamente ativos (ANDRADE *et al.*, 2007).

Oliveira & Silva (1994) afirmam que o descobrimento das propriedades curativas das plantas foi, no início, meramente intuitivo, realizando-se pela observação dos animais doentes que buscavam nas ervas a cura para as suas afecções. Accorsi (1998) corrobora quando diz que a utilização das plantas medicinais remonta à Pré-História, quando o *Homo sapiens*, procurando adaptar-se às condições de seu habitat quanto às necessidades de alimento, abrigo e proteção buscava, quando enfermo, os recursos para a cura, encontrando principalmente nas plantas. No início, movido mais pelos seus instintos do que pelo seu discernimento, o homem primitivo, observando os animais, aprendeu a

distinguir as plantas medicinais das plantas tóxicas ou venenosas (TESKE; TRENTINI, 1995). Posteriormente, o conhecimento foi sendo acumulado e disseminado entre os povos, passando de geração em geração, sendo fundamental nesse processo o papel das comunidades tradicionais.

Arnt (2001) aponta que, no Brasil, foram as comunidades indígenas, de seringueiros, ribeirinhos, agricultores, quilombolas e outras que, ao longo de gerações, descobriram, selecionaram e manejaram espécies com propriedades farmacêuticas, alimentícias e agrícolas. Sobre isso, Viana (2004) defende que há um conhecimento sofisticado dessas comunidades tradicionais sobre a história de usos das florestas, sua variabilidade geográfica, taxonomia, ecologia, usos e manejo das espécies de plantas e animais, entre outros conhecimentos fundamentais para a tomada de decisões coerentes. Esses saberes e conhecimentos, como já mencionados, garantem ainda hoje a sobrevivência e os cuidados com pessoas e animais.

No que diz respeito aos animais, o uso de plantas (fitoterapia) pode se dar em forma de chás, banhos, compressas, óleos, extratos, produtos inalatórios e cremes, podendo ser aplicadas no tratamento de diversas enfermidades, como irritações de pele, infecções, inflamações, problemas bucais, entre outros males. De acordo com Végas (2007), o que muda na fitoterapia veterinária são as doses. Geralmente, as doses aplicadas em animais domésticos são maiores do que as recomendadas para os seres humanos. Para alguns animais, plantas *in natura* também podem ter efeitos bastante positivos quando agregadas à ração (VÉGAS, 2007).

Em relação aos benzimentos e às simpatias, de acordo com Bruschetta (2015), trata-se da cura de diversos males através de rezas e orações, ramos verdes, remédios naturais, rituais de cura, entre outras práticas, que permeiam todo o território brasileiro. Normalmente os benzimentos e simpatias são desenvolvidos por mulheres e homens ligados às religiões e práticas tradicionais de cada região, podendo variar os ritos conforme o contexto de cada uma delas.

Em alguns lugares essas pessoas são chamadas de benzedeiros/benzedoras e, em outros, rezadeiras/rezadores, e, embora a maior parte delas/es sejam considerados católicos(os), definir sua religiosidade nem sempre é fácil, pois é comum o sincretismo em suas práticas, já que encontram-se fundidos elementos de diversas religiões (como as de matriz africana, por exemplo). Algumas delas aprenderam seu trabalho com um vizinho próximo e outras dizem ter recebido esse dom diretamente de Deus (BRUSCHETTA, 2015).

Para Sousa (2004), o ato de benzer significa “dar a benção”, e esta pode ser dada a outra pessoa ou até mesmo a um animal e, de acordo com os adeptos dessa prática, para que os benzimentos se concretizem faz-se necessário ter fé.

As simpatias, segundo Gori (2012), são rituais praticados por um conjunto de atos e palavras preestabelecidas, podendo ser realizadas por benzedoras ou por qualquer pessoa não especializada que as repete sem lhe acrescentar nada, a não ser nomes das pessoas ou dos animais. As simpatias geralmente são praticadas aliando palavras com atos físicos ou gestos, como também se utilizando de outros elementos externos, tais como pedaços de madeiras, ferros, roupas e etc.

Existem poucos registros escritos do tratamento de animais na literatura, mas essas práticas são observadas nas comunidades camponesas tradicionais, entre elas os Faxinais, onde o animal tem valor econômico e sentimental.

FAXINAL DOS KRUGER E A PRÁTICA DOS TRATAMENTOS TRADICIONAIS PARA OS ANIMAIS DOMÉSTICOS

Conforme Sahr (2008) aponta, os faxinais constituem-se numa formação socioespacial agrícola que possuem história e cultura próprias. No Paraná, sua origem remonta às reduções jesuítas no período colonial e à organização cabocla no século XVIII. Com a chegada dos colonos europeus no século XIX e XX, os mesmos assimilaram o modo de vida caboclo, de modo que o faxinal representa uma história multicultural. Para a autora:

A existência de uma história e uma cultura próprias, a preservação e o respeito às suas tradições e aos seus costumes, bem como a vivência comunitária, solidária e de união, transformou essas comunidades, que hoje estão inseridas numa sociedade moderna, no que se convencionou chamar de comunidades tradicionais (SAHR, 2008, p.214).

Em relação aos processos modernizadores, a resistência dos faxinais não se dá sem conflito, os quais, muitas vezes, tensionam e promovem transformações e até mesmo desagregação no modo de vida faxinalense.

Tais comunidades possuem formas peculiares de apropriação do território tradicional, baseadas no uso comunal das áreas de criadouros de animais, recursos florestais e hídricos e no uso privado das áreas de lavoura, onde é praticada a policultura alimentar de subsistência com venda de pequeno excedente. Baseados em normas de conduta e de uso ambiental próprias, sobretudo na combinação de uso comum e privado dos recursos naturais, os faxinais são considerados uma forma de organização camponesa diferenciada no sul do país. (ROCHA; MARTINS, 2007, p.209)

Os faxinais também têm sido reconhecidos como importantes mecanismos ecológicos devido à integração do seu modo de vida aos recursos naturais, fato que levou à sua regulamentação por meio do Decreto nº 3.446, de 14 de agosto de 1997. A partir deste decreto, o governo do estado do Paraná passou a reconhecer formalmente a existência de um modo de produção autossustentável, denominado “Sistema Faxinal”, possibilitando aos mesmos enquadrar-se, mediante interesse da comunidade, às Áreas de Uso Regulamentado (ARESUR). Isto lhes dá direito ao registro no Cadastro Estadual de Unidade de Conservação (CEUC) e, por conseguinte, proporciona ao seu município o acesso aos recursos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) Ecológico, para ser utilizado na preservação do Faxinal.

Para os povos tradicionais, o território é a condição essencial para sua existência e permanência. E essa existência está alinhada ao respeito sociocultural, às suas formas de se relacionar com a terra e com território. A territorialidade de povos tradicionais é aqui compreendida como “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território ou *homeland*” (LITTLE, 2002, p. 3).

Nos faxinais do Paraná, presentes em áreas de Florestas com Araucárias, a reprodução cultural de várias práticas sociais, como a tradição do uso de plantas medicinais, benzimentos e simpatias no tratamento à saúde animal, é um exemplo dessa relação entre sociedade e natureza. Dentre eles, está o recorte espacial deste estudo, o Faxinal dos Kruger, localizado a aproximadamente 314 km de Curitiba-PR, no município de Boa Ventura de São Roque, mesorregião Centro-Sul do Paraná. Este é regulamentado por meio da ARESUR, possui 500,7 hectares e 46 famílias (com cerca de cento e cinquenta pessoas).

As moradias se espalham por toda extensão do faxinal em diferentes localizações. A criação coletiva dos animais se desenvolve no âmbito da Floresta com Araucárias permanecendo soltos durante o dia e retornando à residência na parte da noite. As lavouras (soja⁴, milho e feijão) estão localizadas em áreas distantes até 18 km das residências. A maioria das plantas medicinais está em hortas nas imediações das casas, de modo a facilitar o acesso.

As famílias vêm lutando e buscando intensificar sua permanência no meio onde vivem, respeitando e criando formas de perpetuar a sua história e, principalmente, garantir

⁴ A soja é um exemplo de modernização existente nos Faxinais. Há uma flexibilidade visível nos Faxinais, por meio da incorporação de práticas modernas. A pressão capitalista sobre territórios faxinalenses leva-os a combinarem suas práticas tradicionais a outras modernas.

a sobrevivência e reprodução dos saberes faxinalenses. Sobre isso, o Sr. Zico Kloster, membro da comunidade, afirma que sempre é cobrado para que os mais novos aprendam, “senão vai se perdendo, e o que o mais velho puder passar para o mais novo é bom; os mais novos têm que aprender a curar rendidura, simpatia, um remédio”⁵.

Os faxinalenses herdaram os conhecimentos dos seus pais e buscam perpetuar a tradição por várias décadas. O uso das plantas medicinais é praticado pela maioria das famílias e, conforme identificou-se na pesquisa, existe uma grande preocupação dos mais velhos em transmitir os saberes aos mais jovens pois, no que tange ao tratamento animal, segundo eles:

O que está limitando o uso são os mais novos, por falta de conhecimento; os mais velhos ainda usam, mas os novos não sabem e não têm interesse. Hoje se mandar uma criança cortar um chazinho na horta, eles vêm com outro mato, não sabe o que é. Isso é a falta do pai e da mãe ensinar, às vezes até da gente mesmo.⁶

Conforme Reis *et al.* (2004), na maior parte dos casos, o desinteresse das gerações mais jovens associado aos processos de aculturação a que são submetidas tais comunidades impedem a apropriação dos saberes tradicionais.

Porém, na comunidade, o cuidado de manter esses conhecimentos é visível. Os participantes possuem anotações em folhas e cadernos, principalmente dos benzimentos e simpatias realizados para a cura das doenças. Existem inúmeros tipos de tratamentos para os animais que são criados no Faxinal dos Kruger, e as pessoas detentoras destes saberes fazem questão de compartilhar o que sabem, como será apresentado na sequência deste artigo.

TRATAMENTOS TRADICIONAIS NO FAXINAL DO KRUGER (PLANTAS MEDICINAIS, BENZIMENTOS E SIMPATIAS)

No Faxinal os animais têm uma importância econômica e ambiental fundamental. Econômica pois essa criação está voltada para o autoconsumo familiar, assim como para a comercialização do excedente; e ambiental pois a forma de integração de vários animais no mesmo espaço (aves, suínos, bovinos, caprinos, ovinos e equinos) cria uma interação entre eles na coleta dos alimentos: enquanto o bovino consome o capim com a língua, o cavalo o faz com lábios e dentes, o porco fuça, a galinha cisca e assim vão sendo realizadas diversas dinâmicas, de modo que há um aproveitamento maior dos alimentos e do pasto, integrando

⁵ Entrevista concedida por Zico Kloster, Faxinalense, em 12 de abril de 2016.

⁶ Idem.

os animais com a natureza. Há também uma exploração dos alimentos florestais, a exemplo do pinhão e da guabiroba. Outro fator importante é a interdependência dessa criação com a manutenção da mata, a qual faz com que o faxinalense tenda a preservá-la⁷.

A criação de aves, comumente chamadas na comunidade de “galinhas caipiras” - apesar de também haver integração de outras espécies, como a galinha de Angola, peru, patos e marrecos - é uma atividade praticada por todas as famílias do faxinal. A criação é tanto de corte como de postura.

Conforme aponta o quadro 1, as principais doenças das aves no Faxinal são a boubá - denominada pela comunidade como pipoca - o tifo e o piolho. Os tratamentos são realizados pelos faxinalenses por meio do uso de plantas medicinais, entre as quais as principais são a figueira, o alho, o fumo e a erva-de-bicho.

Quadro 1 - Tratamentos tradicionais realizados em aves no faxinal dos Kruger

DOENÇAS	PLANTA	FORMA DE USO/PREPARO
Boubá Aviária	Figueira (<i>Ficus carica</i>)	Cortar a casca da figueira e colocá-la na água para as galinhas beberem durante vários dias, até cessarem os sintomas.
Febre tifoide aviária	Alho (<i>Allium sativum</i>) e folha de bananeira (<i>Musa paradisiaca</i>).	O alho é macerado na água e fornecido para as galinhas. Da bananeira são retiradas algumas folhas, que são cortadas em pedaços pequenos e colocadas na água. Outra forma de controle citado foi usar cal para desinfetar o aviário.
Piolho	Folhas de fumo (<i>Nicotiana tabacum</i>) Erva de bicho (<i>Polygonum aquifolium</i>)	As folhas de fumo são colocadas no ninho da ave e espalhadas por todo o ambiente. A erva de bicho é cortada em pequenos pedaços e colocada somente no ninho da galinha.

Fonte: Dados da pesquisa (2016). **Org.:** TUSSI, A. C. (2016).

⁷ Contudo, a redução da área em alguns faxinais tem diminuído também as faixas com mata nativa e, com isso, a criação extensiva em menor espaço tem provocado *stress* ecológico devido à pastagem e ao pisoteio dos animais. Essa redução está ligada à aquisição de terras por pessoas que não pertencem ao modo de vida faxinalense e que, via de regra, não respeitam os acordos coletivos, substituindo as áreas de pastoreio por outras formas de produção (soja e *pinus*, por exemplo) e também aumentando as áreas de cercas, fato que reduz o espaço para os animais. Esse é um dos conflitos atuais nos Faxinais do Paraná.

Os equinos são tradicionais nos faxinais, pois além de serem fundamentais para o trabalho como tração animal no manejo da terra, ainda hoje, embora também seja comum o uso de outros meios de transporte (carros e motocicletas), são usados no deslocamento dos faxinalenses.

Conforme o quadro 2, nos equinos, as doenças mais comuns são o “garrotilho” - cientificamente denominada como adenite equina - a cólica Equina, as endoparasitas e as feridas. Essas últimas são provocadas por intervenções cirúrgicas (castrações), acidentes ou como consequência da picada de insetos ou outros animais. Para o tratamento destas, são utilizadas plantas como a cataia, o sabugueiro, o fumo e o pau-de-andrade⁸.

Quadro 2 - Tratamentos tradicionais realizados em equinos no faxinal dos Kruger

DOENÇAS	PLANTA	FORMA DE USO/PREPARO
Adenite equina (Garrotilho)	Cataia (<i>Drymis brasiliensis</i>) Sabugueiro (<i>Sambucus nigra L.</i>)	É retirada a casca, moída e depois torrada, sendo colocada no sal para o cavalo comer à vontade, por vários dias. São retiradas suas folhas, que são cozidas e colocadas em uma garrafa, e depois dadas para o equino beber.
Cólica Equina	Pinga com pimenta do reino (<i>Piper nigrum</i>)	Pega-se uma garrafa de pinga e colocam-se aproximadamente 2 colheres de pimenta do reino, fornecendo-a para o equino beber.
Endoparasitas	Semente de fumo	É misturada com sal e fornecida à vontade para os equinos comerem.
Feridas	Pau-de-andrade (<i>Persea pyrifolia</i>)	A casca é moída e colocada em forma de pó na ferida; pode-se também colocar a casca de molho na água por algumas horas e passá-la na ferida.

Fonte: Dados da pesquisa (2016). **Org.:** TUSSI, A. C. (2016).

⁸ No meio rural, o uso da casca do *Persea pyrifolia*, popularmente conhecido como “pau-de-andrade”, para a cicatrização de feridas em equinos, é um tratamento muito comum. Como cita Silva (2013), o “pau-de-andrade” tem seu uso restrito às comunidades tradicionais, que detêm o conhecimento empírico do emprego dessa planta, sendo utilizada no tratamento de feridas cutâneas. Na conclusão do seu trabalho, o autor afirma que as aplicações do extrato bruto do “pau-de-andrade” sobre as feridas de equinos foram eficazes na promoção da cicatrização, permitindo a reparação das lesões.

As principais enfermidades dos equinos são tratadas tradicionalmente, sendo solicitada a ajuda de um profissional somente se o animal não apresentar nenhuma melhora em seu quadro clínico.

A bovinocultura de corte ou de leite é uma atividade presente na maioria das propriedades no faxinal. Conforme indica o quadro 3, os problemas de saúde mais comuns em bovinos são: a diarreia (em bezerros), a retenção de placenta, a rabuja ou sarna, os bernes e carrapatos. Para o tratamento destas doenças são utilizadas carqueja, confrei, tendente José, alho, sementes de girassol e rosário.

Quadro 3 - Tratamentos tradicionais realizados em bovinos no faxinal dos Kruger

DOENÇAS	PLANTA	FORMA DE USO/PREPARO
Diarréia em bezerros	Carqueja (<i>Baccharis trimera</i>) e Confrei (<i>Symphytum Officinale</i>)	Ambas colhidas e cortadas em pedaços pequenos, colocadas em uma garrafa de 500 ml e fervidas por aproximadamente três minutos. Após isso, o líquido é administrado via oral para bezerros.
Retenção de placenta	Semente de Girassol (<i>Helianthus annuus</i>) Semente de Rosário (<i>Coix lacryma-jobi</i>)	Ambas são fornecidas junto à alimentação por vários dias.
Rabuja ou Sarna	Tendente José (<i>Quassia amara</i>)	A casca é levada ao fogo e permanece em cozimento por alguns minutos sendo, por fim, passada no local.
Ectoparasitas (bernes e carrapatos)	Alho (<i>Allium sativum</i>)	É macerado e misturado no sal e dado aos animais.

Fonte: Dados da pesquisa (2016). **Org.:** TUSSI, A. C. (2016).

Algumas dessas plantas, como o alho e a carqueja, já possuem um conjunto de trabalhos científicos comprovando sua eficácia nos tratamentos animais; porém, ainda há

uma carência de pesquisas nesta área se comparada a proporção dos usos pelos camponeses nas suas práticas cotidianas.

Além do tratamento animal por meio de plantas medicinais, no Faxinal é muito comum a prática de benzimentos e simpatias. O ato de benzer é uma prática muito antiga que é compreendida no Faxinal com um “dom” de determinadas pessoas, conforme relatado pelos faxinalenses Ironi Aparecida de Deus e Zico Kloster.

Há uma preocupação evidente no Faxinal quanto à preservação desses rituais para que não sejam esquecidos pela comunidade. Existe uma infinidade de benzimentos e simpatias para cada tipo de doença, conforme informações no quadro 4.

Quadro 4- Tratamentos Tradicionais: Benzimento e Simpatias

DOENÇAS	SIMPATIA OU BENZIMENTO
Papilomatose Bovina (conhecida como “figueira” ou “verruga”)	Deve-se chamar o animal que está acometido com os papilomas pelo nome de “figueira”, durante vários dias. Após isso, a verruga cai.
Amansar novilha	Pega-se cacho de “maria mole” e esfrega-se em cruz, nos “quartos”, no úbere e passa-se em cruz em cima do lombo do animal. Fazer algumas orações.
Hérnia de umbigo de suínos (ou “rendidura”)	Deve-se esfregar a “rendidura” do leitão em três cantos da casa na lua minguante, não esfregando o mesmo no canto em que o sol entra. Realizar somente nas quartas-feiras ou sextas-feiras da lua minguante.
Amansar o suíno	Descasca-se espiga de milho e passa-se a espiga na sola do pé, fornecendo-a para o porco comer. Pode-se fazer o procedimento mais de uma vez ou ainda cortar a “sedenha” (ponta) do rabo do porco e enterrar na porta do chiqueiro.
Amaldiçoar a “bicheira” (miíase)	Contar os números de 1 a 100; após isso, contar os números de trás para frente (100, 99, 98...). Depois, deve-se amaldiçoar a “bicheira” no nome de uma pessoa que trabalha em dia de domingo e fazer uma oração de defesa, que pode ser o Pai Nosso, Salve Rainha, Santa Maria, Creio em Deus Pai ou outra.

Anemia	A pessoa ou animal é colocado na grama em forma de cruz, de braços abertos. Pega-se um fio branco, a fim de medir a pessoa/animal da ponta da cabeça até a ponta do pé; risca-se com faca ao redor dela e pergunta-se para a pessoa (com anemia ou dona do animal) o que ela quer que seja cortado. A resposta deverá ser “a anemia”. Após isso, são feitas rezas para alguns santos, vira-se toda a terra abaixo de onde a pessoa/animal se deitou e, quando a grama do lugar morrer, a pessoa estará curada. Deve-se realizar esse procedimento na lua minguante.
Hepatite ou amarelão	É retirado o cacho no topo da palmeira, desde que o cacho esteja bem fechado. Cozinha-se o cacho na água, que será ingerida pelo animal ou pela pessoa hepática.
Bronquite	É utilizada a casca do ipê amarelo, folhas de eucalipto e casca da canela. A casca do ipê amarelo é tirada e raspada; pegam-se folhas de eucalipto (da folha miúda) e a casca da canela e mistura-se em 2 litros de água. Coloca-se tudo na panela com açúcar e ferve-se até a mistura ficar mais concentrada e virar 1 litro.
Cobreiro	Pega-se o talo da couve, passa-se em cruz em cima do cobreiro e pergunta-se para a pessoa o que ela quer que seja curado. Ela responde: “o cobreiro brabo”. Então, passa-se o talo da couve em forma de cruz em cima do cobreiro e se declara: “corta a cabeça e corta o rabo”. Este tratamento é feito por vários dias, até secar o cobreiro.
Quebrante (inveja, mau olhado)	Pega-se um copo com água, colocam-se nove brasas, reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma Salve Rainha, um Santo Anjo e oferecem-se as orações para a pessoa que está curando. Após isso, joga-se a água pela janela. Esta oração deve ser realizada antes do sol se pôr, três dias seguidos, na mesma hora. Todos os carvões devem flutuar na água. Se um deles afundar, deve-se

	dar 1 colher da água para a pessoa beber.
Vermes ou lombriga	Pega-se um prato de água e colocam-se 9 pedaços de fio no prato - podem ser fios de costura. Durante nove dias reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma Salve Rainha, um Anjo da Guarda, um Creio em Deus, outro Pai Nosso e faz-se o sinal da cruz.
Afugentar cobras	Reza-se a oração para São Bento e Jesus Cristo no Altar, proferindo-se, ao final, a seguinte fala: “cobra, abaixa a cabeça e me deixa passar”; ou “limpa este caminho que eu quero passar”.
Doença mingua	Utiliza-se o banho com pente de mico, folha de guabiroba, marcelão, picão, confrei, hortelã, arruda, alecrim, levante e erva-doce. Fazer uma oração de defesa que pode ser o Pai Nosso, Salve Rainha, Santa Maria, Creio em Deus Pai.
Garrafada (limpeza de útero, restos placentários)	9 folhas de cada planta: folhas de lima, cravo, confrei, folha de gabirola, hortelã, erva cidreira, salvinha, picão ou gervão. Mistura-se tudo e bebe-se vários dias até acabar a garrafa.
Animal com mau olhado	Caso se saiba o nome da pessoa que “fez o mau olhado”, deve-se escrevê-lo num papel, que deverá ser queimado ou jogado para o animal comer, ao mesmo tempo em que se declara a frase “coma os invejosos”.
Defumação para inveja e mau olhado.	É realizada com as seguintes plantas medicinais: pimenta do reino, espinhão de açucareiro (espinhão feio), sal grosso (um “punhado”), erva-mate e palma benta. Colocam-se todas as ervas em um frasco com carvão. Acende-se o fogo e, com a fumaça, é defumado todo o ambiente onde os animais se encontram.

Fonte: Dados da pesquisa (2016). Org.: Autores (2016)

Observa-se que as orações realizadas têm como base o catolicismo popular e parte delas integra os benzimentos e simpatias ao uso de plantas medicinais. No que se refere à predominância da Igreja Católica, Sahr (2008) argumenta que esse tem sido um fator de manutenção das tradições no faxinal e, justamente, as práticas de tentativa de mudança desses ritos pela própria Igreja ou por outras denominações religiosas, têm exercido influência na transformação da cultura no Faxinal⁹.

Em relação ao conjunto desses saberes é importante registrar que, de acordo com os depoimentos dos faxinalenses, muitos deles se perderam com o falecimento de algumas pessoas, embora se observou, com a pesquisa, que há uma vontade da comunidade em resgatar e preservar esses conhecimentos.

É nesse sentido que alguns autores reafirmam a deficiência de estudos e pesquisas específicas sobre estes tratamentos na área de Veterinária. Segundo Marinho *et al.* (2007, p. 65):

Diante da importância da fitoterapia e da escassez de pesquisas em Medicina Veterinária, torna-se necessário estudar e aprofundar os efeitos terapêuticos das plantas inseridas no contexto agroecológico e social da população, pois mudanças no uso da terra devido à urbanização destroem muito o habitat das plantas úteis, e os raizeiros tradicionais não propagam seus conhecimentos. Assim, a perda do conhecimento medicinal tradicional em uma cultura que é submetida a uma mudança rápida é tão irreversível quanto a perda da espécie da planta.

Com o envelhecimento das pessoas nas comunidades, muito conhecimento está sendo perdido. Daí a importância dos esforços para documentar os conhecimentos tradicionais antes que muitos destes sejam esquecidos. Os tratamentos tradicionais aproximam o homem com a natureza e contribuem para possíveis descobertas de novos medicamentos para restituir ao homem e aos animais uma vida mais natural e saudável (BARATA, 1995).

A valorização do tratamento tradicional nos dias de hoje apresenta-se como uma alternativa de cura menos agressiva ao paciente e viável para os animais e para a maioria da população brasileira (MARINHO, *et al.*, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pautou-se em analisar o tratamento de animais domésticos por meio de práticas tradicionais realizadas por camponeses no Faxinal dos Kruger, município de Boa

⁹ Por isso, há determinados segmentos da Igreja Católica que apresentam postura mais flexível e criam espaços específicos para os ritos, ou até mesmo adaptam as manifestações tradicionais aos ritos modernos.

Ventura de São Roque-PR. Nesta pesquisa identificou-se que muitos tratamentos tradicionais que ainda são utilizados nesta comunidade promovem o bem-estar animal.

Contudo, ressalta-se que a modernização do campo trouxe consigo a ideia de que os tratamentos tradicionais são atrasados, incentivando a introdução de pacotes tecnológicos com base em insumos químicos que, via de regra, tornam os camponeses dependentes dos mesmos, retirando sua autonomia técnica e econômica.

Porém, a valorização da agroecologia, que busca incansavelmente a sustentabilidade da produção baseada na necessidade de um olhar holístico, reforça-se a cada dia a urgência de trabalhos científicos que busquem articular os conhecimentos científicos aos saberes populares. Somente através do desenvolvimento de trabalhos nesta perspectiva é que haverá a compreensão e a troca entre esses saberes. Assim, podem nascer novas tecnologias que atendam às demandas dos povos do campo, com tratamentos não só ambiental e economicamente viáveis, mas que também respeitem a cultura dos povos tradicionais.

É importante ressaltar que neste estudo não buscou-se julgar a eficiência e eficácia dos tratamentos utilizados pelos camponeses no Faxinal dos Kruger, mas identificar como a comunidade, no seu cotidiano, utiliza-se de saberes próprios para os problemas práticos no cuidado com os animais, e como isso tem garantido o seu modo de vida e produção ao longo dos anos. Reconhece-se que são necessárias mais pesquisas sobre o tema com o objetivo de identificar com mais profundidade os conhecimentos dessas comunidades, assim como verificar espaços de diálogo entre o saber científico e o tradicional. Espera-se, todavia, que esse artigo desperte o interesse de outros profissionais da área de veterinária, de modo a promover mudanças na forma de conceber os diferentes saberes no tratamento animal.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, W. Fitoterapia. In: **Anais da I Jornada Catarinense de Plantas Mediciniais: Saúde e Sustentabilidade para o 3º Milênio**. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão, 1998, p. 38-46.

ANDRADE, S. F. CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnoic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. **Journal of ethnopharmacology**, Videira-SC, v. 109, n. 3, p. 464-471, Fev, 2007.

ARNT, R. Tesouro Verde. **Exame**, S.l., v. 35, p. 52-64, 2001. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/739/noticias/tesouro-verde-m0052858>>. Acesso em: 26 Set. 2016.

ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

BRUSCHETTA, A.B. de. O universo das benzedeiças: uma análise ontológica e semiológica da prática ritual e das narrativas de benzedeiças de Rebouças – Pr. Curitiba: PUC-Pontifícia Universidade Católica. **Anais do V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade**, v. 05, 2015, p. GT0205.

CAPORAL, F. R. As bases para a extensão rural do futuro: caminhos possíveis no Rio Grande do Sul. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. C. **Agroecologia e Extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. 1ª. ed. Brasília - DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. cap. 3, p. 49-77. v. 1.

DIEGUES, A. C. Saberes tradicionais e etnoconservação. In: DIEGUES, A. C.; VIANA, V. M. **Comunidades Tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 9-22. v. 5.

FREIRE, P. **Teoria e prática da libertação**: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3a ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GONZÁLEZ, M. V.; **Agroecologia**: saberes campesinos y agricultura como forma de vida. Universidad Autónoma Chapingo, 2008, 177p.

GORI, T. **Simpatias para animais**. A magia de ser feliz. Disponível em: < <https://taniagori.com.br/tag/simpatia/>> Acesso em: fevereiro 2012.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). **Qualitative research in health care**. 2. ed. London: BMJ Books, 2000. LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

LITTLE, P. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. In: Simpósio Natureza e Sociedade: Desafios Epistemológicos e Metodológicos para a Antropologia, 23a Reunião ABA, Gramado, RS. **Anais...**, ABA, 2002.

MARINHO, M. L.; ALVES, M.S; RODRIGUES, M. L. C.; ROTONDANO, T. E. F.; VIDAL, I. F.; SILVA, W. W.; ATHAYDE, A. C. R. A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 9, n. 3, p. 64-69, 2007.

MEDEIROS, L. C. M.; CABRAL, I. E. O cuidar com plantas medicinais: uma modalidade de atenção à criança pelas mães e enfermeira-educadora. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 18-26, 2001.

MINAYO, M; SOUZA, C. (Orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, p. 7, 2001.

- MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.
- OLIVEIRA, R. A. G.; SILVA, M. S. H. **Plantas medicinais na atenção primária à saúde**. João Pessoa: UFPB, 1994, 64p.
- PARANÁ. 1997. **Decreto n. 3446, de 14 de agosto de 1997**. Ficam criadas no Estado do Paraná, as Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR, abrangendo porções territoriais do Estado caracterizados pela existência do modo de produção denominado “Sistema Faxinal”. Diário Oficial do Estado do Paraná, Paraná n. 5067, 14 ago. 1997.
- PNUMA - Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente. RUMO AO CONSUMO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. 2001. Disponível em: <<http://www.pnuma.org/eficienciarecursos/documentos/consllacp.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.
- REIS, M. C. P.; LEDA, P. H. O.; PEREIRA, M. T. C. L.; TUNALA, E. A. M. Experiência na implantação do programa de fitoterapia do município do Rio de Janeiro. **Saúde para Debate**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 42-49, mar. 2004.
- ROCHA, E do P; MARTINS R de S. Terra e Território Faxinalense no Paraná: notas sobre a busca de reconhecimento (Texto Informativo). **Campos - Revista de Antropologia Social**, Curitiba: UFPR, 1, 2007.
- SAÉZ, O. C. Prometeo de pie: alternativas étnicas y éticas a la apropiación del conocimiento. **Ensayos e Investigaciones-Cuadernos de Bioética**, Buenos Aires, p. 1-15, 2001.
- SAHR. C.L.L.. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, p. 213- 226, jul./dez., 2008.
- SALLABERRY, D. **Entre ciência moderna e saber tradicional**, Disponível em: <<http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article355>>. Acesso em: 03 de novembro de 2016. 2006.
- SILVA, A. W. C. **Citotoxicidade in vitro do extrato bruto de Persea major LE Koop, Lauraceae e o seu efeito no tratamento de feridas cutâneas de equinos**. 2013, 77f. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas), Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba, 2013.
- SOUSA, J. R. M. Rituais De Transmissão De Saberes Populares: Rezadeiras e Benzedadeiras do Vale do Rio Jaguaribe, Ceará. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 28, p .229-242, jun. 2004.
- TESKE, M.; TRENTINI, A. M. M.; **Compêndio de Fitoterapia**; Herbarium Lab.Botânico, Curitiba: Paraná, 1995.
- TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde, **Physis** [online], vol.19, n.3, pp.777-796, 2009.

VIANA, V.M. Envolvimento sustentável e conservação das florestas brasileiras In: DIEGUES A. C.; VIANA, V. M. **Comunidades Tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 23-28. v. 5.

Submetido em: 14 de fevereiro de 2017

Aceito em: 24 de abril de 2017